

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *Acritica (Cidades)*

Data: *2/4/2002* Pg *C3*

Class.: *295*

Manaus, terça-feira, 2 de abril de 2002

CESI

Atraso preocupa indígenas

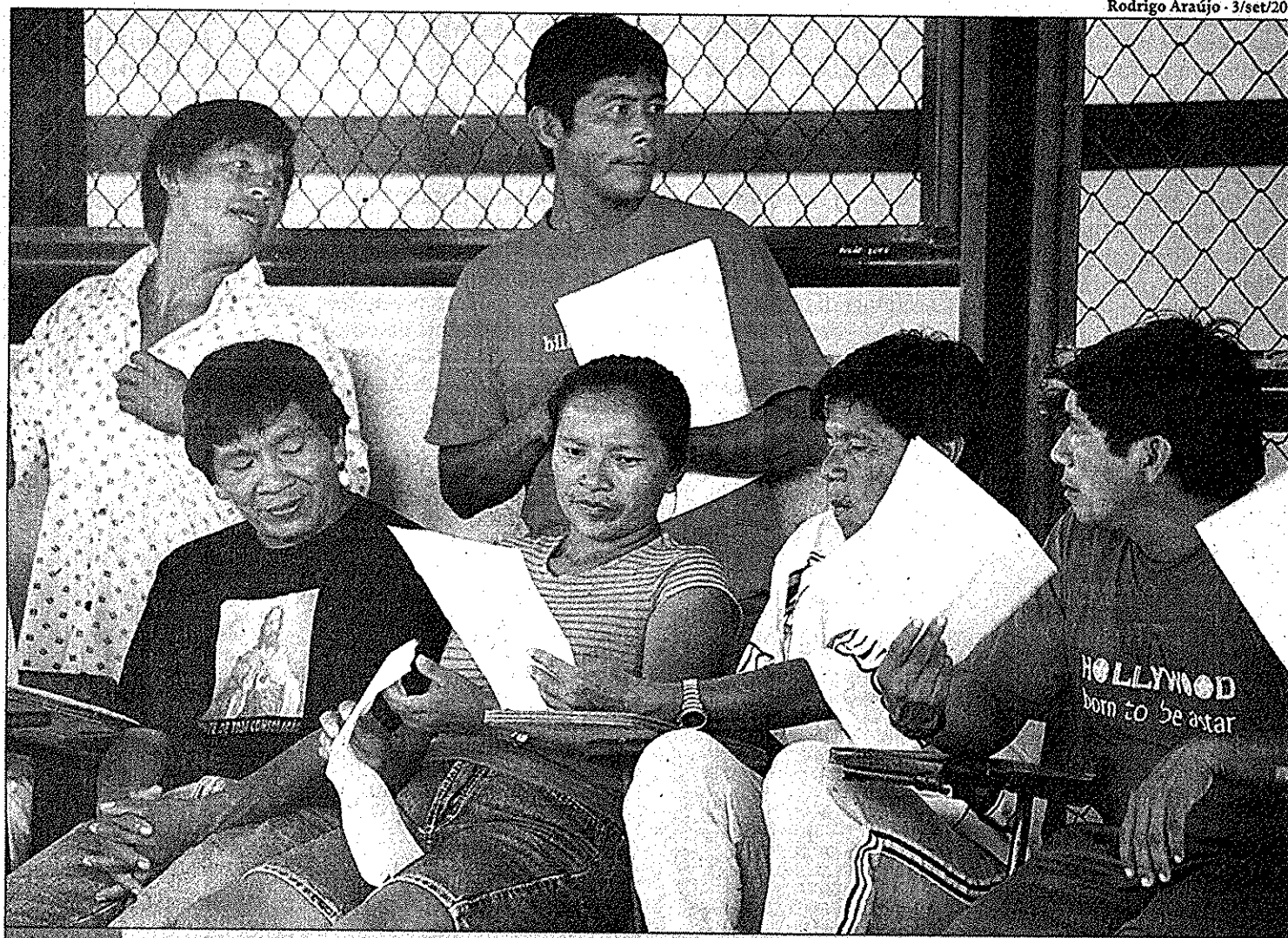
OBRAS DO CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES INDÍGENAS COMEÇARIAM EM MARÇO. IMPASSE SOBRE POLÍTICA PEDAGÓGICA ESTÁ EMPERRANDO O PROJETO

RODRIGO ARAÚJO

As lideranças indígenas do Alto Rio Negro estão preocupadas com o atraso no cronograma de implantação do Centro de Estudos Superiores Indígenas (Cesi). Eles lembram que foi montada uma agenda pela Fundação Estadual de Política Indigenista (Fepi), onde se estabeleceu que as obras de construção do centro iniciariam em março, em São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), a realização da seleção dos estudantes em junho e a inauguração em setembro deste ano.

"O problema é que as discussões empacaram na fase de elaboração da política pedagógica para o centro. Algumas entidades indigenistas discordam da criação da universidade porque consideram que o projeto tem um cunho eleitoral. Se eles não querem o centro tudo bem, mas a universidade é uma reivindicação antiga das tribos da região do Alto Rio Negro e pretendemos lutar para que o projeto seja implantado", comenta o vice-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (Foirm), o tucano Domingos Barreto, 35.

Segundo o coordenador do Centro de Cultura Indígena da Fepi, o



IMPASSE Enquanto problema continua, professores indígenas de São Gabriel da Cachoeira permanecem sem oportunidade de graduação

tucano Amarildo Machado, 34, algumas entidades indigenistas se declararam contrárias ao projeto durante as reuniões de elaboração da política pedagógica. "Os comentários dessas entidades terminaram repercutindo mal no Governo. Agora, temos medo de que o governo Amazonino Mendes suspen-

da o projeto", revela Machado.

Para o assessor da Fundação Nacional do Índio (Funai), o tucano Benedito Machado, 47, a polêmica em torno da criação da universidade indígena está parecida com as discussões geradas na época da implantação do projeto "Calha Norte". "Quando o Gover-

no Federal começou a construção dos quartéis muitos foram contra, dizendo que as mulheres índias virariam prostitutas e os homens serviriam apenas de recrutas. Hoje a realidade é outra e o jovem índio já tem uma perspectiva. Os chamados 'defensores de índios' deveriam entender que nós temos nos-

sas próprias idéias", critica.

Benedito diz que a proposta de política pedagógica elaborada pela Fepi tem algumas deficiências, mas nada que impeça a criação da universidade. "O ideal seria montar a estrutura e depois ir ajustando a política pedagógica", considera.

COMUNIDADE

Interação é necessária

A demora na elaboração de uma política pedagógica para a universidade indígena pode realmente inviabilizar a criação da instituição. A afirmação é do presidente da Fepi, antropólogo Ademir Ramos, que explica que o Governo precisa de uma resposta do movimento indígena para dar continuidade ao projeto.

"Necessitamos das propostas das entidades porque é imprescindível que o projeto tenha a participação dos indígenas. Sem essa interação seria o mesmo que ter uma escola pública sem a participação da comunidade", comenta Ramos, informando que o Governo está apenas esperando uma resposta das lideranças. "Essa demora é prejudicial porque a atual conjuntura já não é tão favorável, pois estamos em final de governo", completa.

O antropólogo comenta que no início do processo a Fepi apresentou sua proposta de política pedagógica, que foi questionada por algumas lideranças. "Os membros do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam), por exemplo, reivindicaram cotas para a universidade. Algumas lideranças do Alto Solimões pediram a criação de campi avançados nas regiões, em vez da criação de uma universidade em São Gabriel. São questões que precisam ser definidas para que possamos dar andamento ao projeto", reforça.

Rodrigo Araújo - 3/set/2001